

[Lá, onde o vento chora] [Delia Owens]



[Delia Owens] Biografia:

Delia Owens é coautora de três livros de não-ficção mais vendidos internacionalmente sobre sua vida como cientista da vida selvagem na África, incluindo *Cry of the Kalahari*.

Ela ganhou o John Burroughs Award for Nature Writing e foi publicada na *Nature*, *The African Journal of Ecology* e muitas outras.

Atualmente ela mora na Carolina do Norte. *Where the Crawdads Sing* é seu primeiro romance.



Sinopse de [Lá, Onde o Vento Chora]

Kya tem apenas seis anos de idade quando vê a mãe sair de casa, com uma mala azul e sapatos de pele de crocodilo, e percorrer o caminho de areia para nunca mais voltar. E à medida que todas as outras pessoas importantes na sua vida a vão igualmente abandonando, Kya aprende a ser autossuficiente: sensível e inteligente, sobrevive completamente sozinha no pantanal a que chama a sua casa, faz amizade com as gaivotas e observa a natureza que a rodeia com a atenção que lhe permite aprender muitas lições de vida.

O isolamento em que vive durante tantos anos influencia o seu comportamento: solitária e fugidia, Kya é alvo dos mais cruéis comentários por parte dos moradores da pacata cidade de Barkley Cove. E quando o popular e charmoso Chase Andrews aparece morto, todos os dedos apontam na direção de Kya, a miúda do pantanal. E o impensável acontece.

Neste romance de estreia, Delia Owens relembra-nos que somos formatados para sempre pelas crianças que um dia fomos, e que para sempre estaremos sujeitos aos maravilhosos, mas também violentos, segredos que a natureza encerra.

Sobre a autora

Primeiros anos

Delia nasceu no sul da Geórgia e cresceu montando cavalos nos bosques ao redor de Thomasville. Sua mãe, também uma garota de fora, encorajou Delia a explorar as florestas de carvalhos, dizendo: "Vá para lá onde os lagostins cantam". Sua mãe a ensinou a caminhar sem pisar em cobras, e o mais importante a não ter medo de bichos de qualquer tipo. Delia passou a maior parte de sua vida em ou perto de um verdadeiro deserto, e desde a infância pensa na Natureza como uma verdadeira companheira. Um de seus melhores amigos.

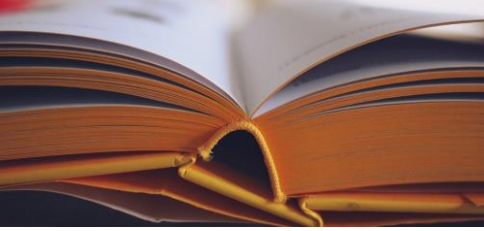


Delia desfruta do topo de uma montanha na Carolina do Norte durante as férias em família em 1960.

Os fortes laços de Delia com as famílias de uma pequena cidade e suas relações próximas com as amigas permaneceram com ela por toda a vida. Seu romance é dedicado a três amigos que ela estima desde a primária. Esses relacionamentos próximos e as conexões íntimas de Delia com a Natureza influenciaram seus estudos e seus escritos.

Mesmo nessa tenra idade, Delia adorava escrever. No sexto ano de sua pequena escola de gramática, ela ganhou o primeiro lugar num concurso de redação, e tinha certeza de que isso significava que um dia ela seria uma escritora.

Como sua família passava parte do verão nas montanhas da Carolina do Norte, Delia tem uma ligação especial com os lugares selvagens e belos daquele



estado. *Onde o Crawdads Sing* está localizado no exuberante pântano costeiro da Carolina.

Quando ela começou a universidade, decidiu seguir uma carreira na ciência, em vez da literatura. Recebeu um diploma de bacharel em zoologia pela Universidade da Geórgia e um Ph.D. em Comportamento Animal da Universidade da Califórnia em Davis.

Os anos da África

Os leões do Kalahari e as hienas marrons

Num velho Land Rover, Delia e Mark Owens dirigiram por terra para o Kalahari Central de Botsuana no início de 1974. Eles montaram um acampamento básico numa área tão remota que eram as únicas duas pessoas, exceto por alguns bandos de bosquímanos itinerantes, numa área do tamanho da Irlanda. Muito em breve, o primeiro bando de leões se aproximou do acampamento de Delia e Mark, e ficou logo além das árvores. Owens colocou coleiras de rádio e estudou seis orgulhos de leões por mais de sete anos. O território do Orgulho Azul incluía o acampamento dos Owens, e Sassy, Chary e Blue muitas vezes brincavam perto das tendas dos Owens ou saqueavam a cozinha externa.

Delia e Mark também estudaram as esquivas hienas marrons, que vinham ao acampamento quase todas as noites. Durante esses anos, Delia ficou fascinada com os grupos sociais de mamíferos que são quase sempre compostos por fêmeas. Os machos vêm e vão para o acasalamento ou para as refeições, mas as fêmeas permanecem em seus grupos de nascimento e mantêm fortes laços com seu orgulho ou companheiros de matilha por toda a vida. Essas observações lembraram a Delia os laços estreitos que ela tinha com suas amigas de toda a vida, e quão forte a propensão genética para grupos femininos deve ser em nossa própria espécie.

Com base em sua pesquisa e vida no Kalahari, ela é co-autora do livro premiado e best-seller, *Cry of the Kalahari*. Sua pesquisa sobre a evolução da definição social em hienas marrons lhe rendeu um Ph. D. na Universidade da Califórnia, Davis.



Delia e Mark viveram num acampamento muito básico por mais de sete anos enquanto estudavam leões Kalahari, hienas marrons e leopardos. Foto: Mark J. Owens.



Delia se prepara para colocar uma coleira de rádio em The Pink Panther, um leopardo do Kalahari. Ele muitas vezes vinha ao acampamento e uma vez dormia no chão do lado de fora da porta da tenda. Foto: Mark J. Owens.



Quando Pepper, o filhote de hiena marrom, saiu da toca pela primeira vez, ela foi direto para o acampamento de Owens e entrou na cabana de banho com Delia. Foto: Mark J. Owens.

Os elefantes de Luangwa

Do Kalahari, os Owens se aventuraram no Vale de Luangwa do Norte da Zâmbia para continuar a pesquisa da vida selvagem. Além de estudar elefantes, Delia e Mark estabeleceram um programa que oferecia empregos, empréstimos e outras assistências aos aldeões locais para que eles não precisassem caçar animais selvagens para sobreviver.

Logo os elefantes se sentiram seguros no acampamento dos Owens e passeavam entre suas cabanas alimentando-se de frutos de marula. Um elefante órfão, os Owens chamado Gift, entrou no acampamento um dia e se estabeleceu entre os bangalôs. Vários anos depois, ela teve a sua primeira cria, Georgia, e, eventualmente, um neto. Mais uma vez, Delia ficou fascinada pelo fato de que as manadas eram compostas apenas por fêmeas intimamente ligadas e seus filhotes.

Delia montou seu próprio acampamento nas margens do rio Luangwa e estudou o comportamento social dos elefantes. Todos os anos, ela caminhava pelos cinco principais rios do norte de Luangwa, observando os rebanhos. Ao todo, Delia conduziu pesquisas sobre espécies ameaçadas na África por vinte e três anos. Ela publicou seus resultados de pesquisa nas revistas científicas *Nature*, *Animal Behavior*, *Journal of Mammalogy*, *Natural History* e outras. Seu trabalho de pesquisa e conservação na África lhe rendeu o prêmio Golden Ark do Príncipe Bernhard da Holanda e o Prêmio de Excelência da Universidade



da Califórnia. O projeto que eles começaram na Zâmbia continua até hoje, financiado em parte pela Owens Foundation for Wildlife Conservation.

A pesquisa de Delia sobre a importância do agrupamento feminino em mamíferos sociais influenciou sua escrita ficcional. *Where the Crawdads Sing* explora o impacto comportamental em uma jovem que é forçada a viver grande parte de sua vida jovem sem um grupo.



Delia tem vista para o Vale de Luangwa, na Zâmbia, onde estudou elefantes por onze anos. Foto: Mark J. Owens.



Delia morava em seu próprio acampamento de cabanas de grama no rio Luangwa. Daqui ela seguiu manadas de elefantes a pé ao longo de todos os principais rios da escarpa. Foto: Mark J. Owens.

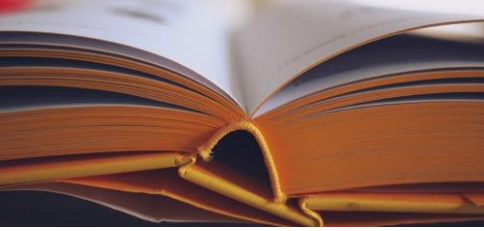


A elefanta órfã, Gift, passou a residir no acampamento e começou seu próprio rebanho com seu primeiro filhote, Georgia. Foto: Mark J. Owens.

Montanhas Rochosas do Norte para Carolina do Norte

Depois da África, Delia viveu nas Montanhas Rochosas do Norte de Idaho e agora vive nas montanhas da Carolina do Norte.





Where the Crawdads Sing **by Delia Owens review** **– nos pântanos da Carolina do Norte**

Esta estreia exuberante sobre uma garota isolada que encontra educação e consolo na natureza já é um best-seller nos EUA



Delia Owens, cientista da vida selvagem americana que virou autora

[Mark Lawson](#) [The Guardian] Sáb, 12 de janeiro de 2019 08.58 GMT

Em dramas de tela, durante uma cena de sexo ou violência em uma sala de estar, a câmera muitas vezes revela maliciosamente que um documentário sobre a vida selvagem de [David Attenborough](#) está passando sem ser assistido no canto. As observações sussurradas do naturalista sobre as táticas do “masculino” ou “feminino” comentam irônica ou ameaçadoramente as interações humanas.

Esse tropo é espetacularmente estendido em *Where the Crawdads Sing*, o romance de estreia de Delia Owens, uma cientista da vida selvagem americana. Ele chega à Grã-Bretanha impulsionado pela querida trindade do best-seller do New York Times, uma luta frenética de vendas no exterior e um filme em desenvolvimento por [Reese Witherspoon](#) (seu clube do livro online escolheu o romance em setembro de 2018).

O enredo principal se estende – em uma ordem de construção de tensão e confusão de datas – de 1952 a 1970, seguindo Kya Clark entre as idades de seis e 25 anos enquanto ela cresce sozinha em um barraco nos pântanos da Carolina do Norte depois de ser abandonada por sua família. Ela aprende com a vida selvagem ao seu redor, ganhando truques de camuflagem para escapar de oficiais vadios e adquirindo habilidades de caça para se alimentar e pegar mexilhões e peixes para vender aos lojistas da cidade além do riacho.



O Grande Pântano Sombrio, Carolina do Norte. Fotografia: fStop Images GmbH/Alamy

Como um humano que conhece apenas a natureza, todos os pontos de referência de Kya vêm de seu entorno – e do trabalho diário de seu criador. Sua observação de que as mães animais e pássaros sempre voltam para seus filhotes a leva a acreditar de forma pungente que sua solidão infantil será temporária. Quando, ainda adolescente, ela começa a atrair a atenção de dois garotos da cidade, o gentil Tate da classe trabalhadora e o arrogante garoto chique Chase, seus rituais de namoro são extraídos da observação da vida sexual dos vaga-lumes. Ela também, crucialmente, observa os perigos da predação na natureza.

Entre os muitos fenômenos modernos dos quais Kya isolada não tem a menor idéia, está a vasta popularidade da ficção policial. Mas Owens conhece os truques do gênero, começando o romance com um prólogo ambientado em 1969, no qual um jovem morre de forma suspeita no pântano. O resto do livro corta entre a investigação, na qual testemunhas intolerantes incriminam a “garota do pântano”, e flashbacks da juventude e juventude de Kya, à medida que cresce a suspeita local que faz com que os brancos não gostem dela quase tanto quanto os moradores de a área conhecida, no termo preconceituoso da época, como Vila Colorida.

Apreciando as limitações fictícias de um recluso selvagem sem vocabulário ou habilidades para a vida, Owens fornece tutores para Kya. Como resultado, o tom da seção central às vezes parece YA, pois Kya é instruída por uma sábia mulher afro-americana (um dos personagens coadjuvantes que flertam com clichês virtuosos) nos mistérios dos homens e da menstruação.

Em algum lugar nas escolas de palco agora estão os atores que, interpretando a jovem e mais velha Kya, deveriam ter uma chance no Oscar. Mas logo a narrativa é satisfatoriamente recuperada para os adultos mais velhos quando, na biblioteca local, Kya lê um artigo intitulado "Sneaky Fuckers" em um jornal científico, que descreve estratégias de acasalamento enganosas. Estes incluem rãs-touro subdimensionadas que andam com os machos alfa com o objetivo de pegar fêmeas sobressalentes, e a libelinha macho, a quem Deus ou Darwin deu uma colher útil que remove o esperma de um impregnador anterior para limpar a passagem para sua própria .

Tal como acontece com os cliques de Attenborough na ficção de tela, essas anedotas pairam como metáforas para o comportamento dos homens na história e permitirão que o diretor do filme se divirta com cortes pontiagudos. A linha do tempo dividida – uma estrutura cinematográfica padrão – também ajudará o roteirista. E em algum lugar nas escolas de palco agora estão os atores que, interpretando a jovem e mais velha Kya, deveriam ter uma chance no Oscar. Ela é uma personagem viva e original. Às vezes, sua sobrevivência isolada chega perto de super-heroísmo, mas Owens retrata de forma convincente os instintos e cálculos que fazem Kya entrar e sair das dificuldades. Sem muito sentimentalismo, há uma forte linha emocional em seu desejo de ter um "pedaço de família". A potencialidade de um romance de amadurecimento também é compensada pela possibilidade de Kya ser uma assassina, embora Owens tenha estudado as grandes feras da ficção criminal o suficiente para deixar espaço para dúvidas e surpresas.

As histórias envolvendo competição social e morte violenta parecem uma reformulação, de uma perspectiva feminina jovem, do clássico melodrama de 1925 de [Theodore Dreiser](#), *An American Tragedy*. Como Dreiser, Owens combina alta tensão com detalhes precisos sobre como as pessoas se vestem, soam, vivem e comem – os estudos de caso em seu livro são humanos e naturais. Best-sellers surpresa são muitas vezes obras que combinam com os tempos. Embora ambientado nas décadas de 1950 e 1960, *Where the Crawdads Sing* is, em seu tratamento da divisão racial e social e das frágeis complexidades da natureza, obviamente relevante para a política e a ecologia contemporâneas. Mas esses temas alcançarão um grande público por meio dos talentos antiquados do escritor para personagens convincentes, enredos e descrições de paisagens.

Delia Owens sobre como escreveu *Where the Crawdads Sing*: 'Na minha idade, não preciso me preocupar em ter uma carreira'

ENTREVISTA

Por [Nick Duerden](#) 31 de janeiro de 2021 06:00 [INews]

A autora fala sobre se tornar um fenômeno editorial aos 70 anos, a vida como cientista da vida selvagem e trabalhando em seu segundo romance



Delia Owens e seu ex-marido Mark Owens no Parque Nacional de North Luangwa, na Zâmbia (Foto: Getty)

Em 2018, após 10 anos de luta para escrevê-lo, a zoóloga americana e autora ocasional de não-ficção Delia Owens publicou sua primeira obra de ficção, *Where the Crawdads Sing*. Ela tinha 69 anos, não é a idade em que um escritor costuma abrir as asas pela primeira vez, nem se tornar uma sensação literária. O projeto tinha sido um capricho, e ela não contou a ninguém sobre isso. Passar aquela década em seu laptop, adicionando capítulos aos trancos e barrancos enquanto esperava a inspiração fluir, foi simplesmente uma boa maneira de passar o tempo.

O romance é ostensivamente um conto de amadurecimento sobre Kya, a filha mais nova nascida em uma família problemática nos pântanos da Carolina do Norte, cujo pai violento expulsa primeiro seus irmãos mais velhos e, finalmente, sua mãe também. Quando ele desaparece, Kya é deixada para criar a si mesma, uma criança selvagem que recebe suas dicas de desenvolvimento da flora e da fauna ao seu redor.

Como uma zoóloga, Owens, é claro, já escreveu sobre flora e fauna antes, mas ela gostou da ideia de que seu romance poderia ter um apelo mais amplo, então ela inseriu um assassino na narrativa.



Delia e Mark examinam os ossos de um elefante caçado no Parque Nacional de North Luangwa, na Zâmbia (Foto de William Campbell/Corbis via Getty Images)

Isso provaria ser um movimento astuto. “Bem, meus [livros] anteriores de não-ficção estavam na base da cadeia alimentar, e você não vai atrair muitas pessoas com isso, não é?” diz um Owens efervescente de sua casa na Carolina do Norte. “Então, para este livro, em minha mente, eu queria combinar a escrita da natureza com um forte enredo sobre solidão e isolamento, sobre o quanto podemos aprender sobre nós mesmos com os animais e o quanto cada um de nós precisa um do outro, um forte senso de conexão. Para mim, um livro é como um contrato entre autor e leitor. Livros não são baratos, e eu não queria que ninguém se sentisse desapontado. Eu queria que eles tivessem um motivo para virar as páginas.”

Feliz o suficiente com o produto final, ela enviou seu manuscrito para o mundo, rapidamente conseguindo um agente e um editor que imediatamente se convenceram de que tinham um sucesso nas mãos. Com uma boa razão: *Crawdads* é um romance lindamente imersivo e curiosamente atemporal (embora seja ambientado nas décadas de 1950 e 1960) cujos

personagens vivem e respiram. O leitor passa a se importar profundamente com eles – e também quer saber quem foi o culpado.

Seu livro se tornou um fenômeno editorial, vendendo mais de oito milhões de cópias em todo o mundo. No Reino Unido, no ano passado, provou ser o golpe escapista do bloqueio, vendendo mais em brochura do que qualquer outro título. A atriz de Hollywood [Reese Witherspoon](#) está desenvolvendo-o para a tela grande, com Daisy Edgar-Jones, da [Normal People](#), no papel principal.

Owens vive uma vida não totalmente diferente da de Kya, pois ela favorece tanto a natureza quanto a solidão. Ela mora no interior, a loja mais próxima fica a um passeio de carro e confessa que não assiste muita TV, mas conseguiu descobrir como transmitir *Pessoas normais*. Ela diz que adorou e está emocionada com o elenco de Edgar-Jones, apesar do fato de a jovem atriz ter crescido em Muswell Hill, em Londres, longe em todos os sentidos do pântano americano. “Não há nada pior do que um sotaque sulista ruim”, Owens concorda, “mas Daisy o dominava perfeitamente em um dia. Ela vai ser brilhante.”



Daisy Edgar-Jones fará o papel principal na adaptação cinematográfica de *Where the Crawdads Sing* (Dave Benett/Getty Images)

O sucesso literário para Owens tem sido, ela admite, “uma viagem de ego total”, mas também muito mais fácil de lidar aos 70 anos do que aconteceu no início da vida, ela pensa. “Oh, a pressão que eu teria sentido! Mas na minha idade não preciso mais me preocupar em ter uma carreira.” Ela passou grande parte de sua vida adulta trabalhando em Botsuana e Zâmbia com seu então marido Mark Owens. Eles viveram por um tempo no Kalahari (“as duas únicas pessoas em uma área do tamanho da Irlanda”), como cientistas da vida

selvagem, realizando pesquisas sobre leões e hienas marrons. No vale de Luangwa, na Zâmbia, eles rastrearam elefantes e os envelheceram medindo suas pegadas.

Durante as décadas de 1980 e 1990, eles escreveram três livros de não ficção sobre suas experiências, mas depois deixaram a África depois de expor funcionários de alto escalão que alegavam estar envolvidos no comércio ilegal de marfim. Foi relatado que seu marido era procurado para interrogatório após um incidente em que um caçador ilegal foi morto, mas ele não foi acusado de nenhuma atividade ilegal. “Quando você lida com conservação, você faz muitos inimigos”, diz ela com um suspiro pesado. “Muitas pessoas estavam nos acusando de coisas para nos fechar, mas fechamos o negócio de marfim.” Ela está divorciada há seis anos e vive bastante satisfeita sozinha com seu gato Goatee, “que é quase tão grande quanto eu”, mantendo contato virtual com amigos de todo o mundo via FaceTime. Durante o bloqueio, o sucesso de seu romance deu a ela algo tangível para se concentrar, “e por isso fiquei grata”. A Duquesa da Cornualha anunciou recentemente seu primeiro clube do livro, e *Crawdads* apareceu nele. “Estou muito honrado.” Ela também se manteve ocupada escrevendo seu próximo romance, que se passa nos anos 1800 e 1960, e diz respeito a uma mulher que emigra da Inglaterra para os EUA. “Estou em isolamento total desde 14 de março; Eu nem vou à loja, tenho alguém que traz minhas compras.” Ela fica solitária? “Bem, você sabe, ninguém gosta desse isolamento, então pensei, que bom se no final eu pudesse dizer que escrevi outro livro.”



Delia Owens (Foto: Little Brown)

Ela ainda não o completou, não completamente. “Terminei o terceiro rascunho, mas não diria que está em ótima forma. Veja, eu nunca me considerei especialmente bom em escrever; Eu adoro isso, mas é frustrante porque não existe uma frase perfeita. Cada frase pode ser melhorada, o que significa que nunca termina.” Ela leva a mão à testa. “Para mim, escrever um livro é como pegar um campo de futebol de gelatina e tentar transformá-lo em um monumento.”

Devido ao elemento histórico britânico da narrativa, ela está tendo que fazer muita pesquisa e realizar um ato de ventriloquismo convincente para que seu personagem principal seja plausível. “Estou tendo que escrever como Jane Austen!” ela grita. “Mal posso esperar para ver o que meus amigos ingleses pensam sobre isso...”

A história sombria por trás do romance de estréia mais vendido do ano

Seu clube do livro provavelmente já leu *Where the Crawdads Sing*. Quanto um assassinato há muito tempo na África influenciou o primeiro romance de Delia Owens?

POR [LAURA MILLER](#) 30 DE JULHO DE 2019 05:50 SLATE Culture, [ÂNGULO AMPLO](#)



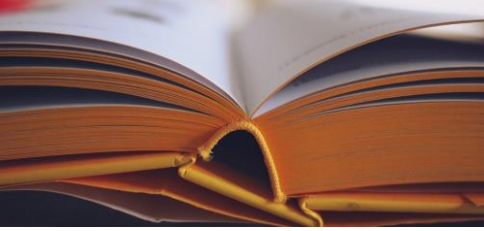
Mark e Delia Owens no Parque Nacional North Luangwa na Zâmbia em 1990. William Campbell/Corbis via Getty Images

[Where the Crawdads Sing](#), de Delia Owens, é o tipo de livro que você nunca ouviu falar ou já leu para o seu clube do livro. [O título de capa dura mais vendido de 2019, Crawdads vendeu mais de 1 milhão de cópias](#) – de cair o queixo para qualquer primeiro romance, muito menos um de um autor que acabou de completar 70 anos, morando em uma propriedade remota no norte de Idaho. A Publishers Weekly chamou seu sucesso de “história de publicação de bem-estar do ano”. (Spoilers para o romance seguem ao longo desta peça.) Se você é uma das pessoas que leu o livro, você provavelmente conhece um pouco da história romântica de Owens, como o grande impulso que sua estréia teve quando Reese Witherspoon, a Oprah do nosso tempo,

selecionou-o para seu clube do livro. Ou o fato de que enquanto *Crawdads* é o primeiro romance de Owens, não é seu primeiro livro. E depois há os 22 anos que ela passou na África com o marido, Mark, morando perto da terra e trabalhando na conservação da vida selvagem. Delia e Mark escreveram sobre essas experiências em três memórias. Mas o que a maioria dos fãs de *Crawdads* não sabe é que Delia e Mark Owens foram aconselhados a nunca mais voltar a uma das nações africanas onde viveram e trabalharam, a Zâmbia, porque são procurados para interrogatório em um assassinato que ocorreu lá décadas atrás. Esse assassinato, cuja vítima permanece não identificada, foi filmado e transmitido em rede nacional nos EUA

Para ser claro, a própria Delia Owens não é suspeita de envolvimento no assassinato de um caçador furtivo filmado por uma equipe de filmagem da ABC em 1995, enquanto o programa de notícias *Turning Point* estava produzindo um segmento sobre o trabalho de conservação dos Owens na Zâmbia. Mas seu enteado, Christopher, e seu marido foram implicados por algumas testemunhas. Este incidente obscuro do passado de Delia dificilmente é um segredo. Na verdade, em 2010 foi tema de "The Hunted", uma história de 18.000 palavras escrita por Jeffrey Goldberg e [publicada na New Yorker](#). Você pode encontrar um link para essa história, juntamente com uma referência de uma linha a um "assassinato controverso de um caçador na Zâmbia", na entrada da Wikipedia de Owens. No entanto, a entrada da Wikipedia para Owens vem apenas como o quarto resultado quando você pesquisa o nome dela no Google, e um usuário de internet preguiçoso ou inexperiente pode parar de ler depois de navegar nas biografias oficiais que o superam. Aparentemente, muitos desses usuários são membros da imprensa. Em várias entrevistas, [Owens ri sobre como seus editores "continuam me mandando champanhe"](#) ou [conta como ela foi inspirada por suas observações de animais que "vivem em grupos sociais femininos muito fortes"](#). (Nenhum desses grupos aparece em *Where the Crawdads Sing*.) Mas quando se trata do fato notável de que, na companhia de um homem carismático, mas vulcânico, ela aparentemente viveu uma versão moderna de *Coração das Trevas*? Nem um pio.

Goldberg – que passou meses pesquisando "The Hunted", viajando para a África do Sul, Idaho e Maine, além de fazer três viagens à área de Luangwa na Zâmbia e entrevistar mais de 100 fontes – está perplexo com a eficácia com que Owens e seu editor conseguiram para ofuscar talvez o episódio mais fascinante, embora preocupante, em sua vida. "Várias pessoas começaram a me enviar e-mails sobre este livro", ele me disse em um e-mail, "leitores que fizeram a conexão entre a Delia Owens do *Crawdads* e a Delia Owens da investigação da *New Yorker*. Então, recebi uma cópia de *Crawdads* e devo dizer que achei estranho e desconfortável ler a história de um solitário sulista,



um nobre naturalista, que se safa do que é descrito como um assassinato motivado por justiça em uma selva remota.”

Na companhia de um homem carismático, mas vulcânico, ela aparentemente viveu uma versão moderna de *Heart of Darkness* .

Várias fontes com quem Goldberg conversou, incluindo o cinegrafista que filmou o tiro do caçador ilegal, afirmaram que Christopher Owens - filho de Mark Owens e enteado de Delia Owens - foi o primeiro membro de um grupo de reconhecimento a atirar no homem. (Dois outros batedores seguiram o exemplo.) Outros afirmaram que Mark Owens encobriu o assassinato carregando o corpo, que nunca foi recuperado, em seu helicóptero e o jogando em um lago. Quem puxou o gatilho naquele dia, o que parece indiscutível de “The Hunted” é que, ao longo dos anos, Mark Owens, em seu zelo por salvar elefantes ameaçados de extinção e outros animais selvagens, se deixou levar por seu próprio poder, transformando-se em um moderno versão moderna do Sr. Kurtz de Joseph Conrad — e que, embora Delia Owens se opusesse, às vezes, ao que estava acontecendo, ela era incapaz ou não queria impedi-lo ou abandoná-lo.

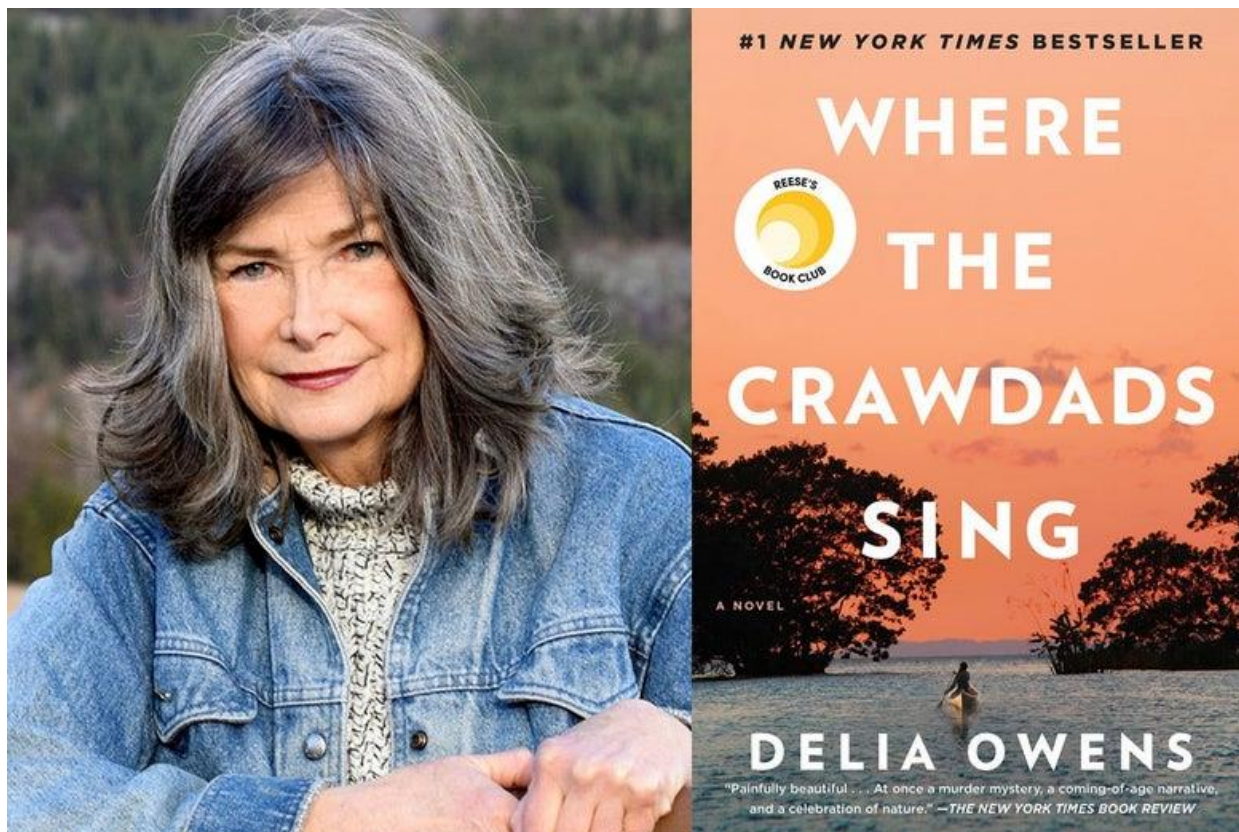
Mark e Delia Owens chegaram pela primeira vez à Zâmbia em 1986, depois de serem expulsos do Botswana, onde se tornaram indesejáveis ao criticar as políticas de conservação do governo. O jovem casal procurou uma reserva na região selvagem de North Luangwa, na Zâmbia, uma área cujos habitantes indígenas foram expulsos pelos ex-governantes britânicos da nação. Eles foram atraídos pelo isolamento da região e depois ficaram consternados ao descobrir que os caçadores furtivos estavam devastando a população local de elefantes. Alguns dos animais foram mortos por pessoas que viviam na área circundante há gerações e cujos ancestrais há muito caçavam seus grandes mamíferos para obter carne, mas a maior ameaça veio de caçadores furtivos que alimentavam um mercado internacional de marfim em expansão.

Esses caçadores bem armados superaram o bando de batedores do serviço do parque encarregados de proteger os elefantes. Os Owens levantaram dinheiro de doadores europeus e americanos para melhor pagar e equipar os escoteiros; em troca, eles foram nomeados “patrulheiros honorários” pelo governo da Zâmbia. De acordo com muitas fontes com quem Goldberg conversou na Zâmbia, Mark Owens tornou-se o comandante de fato dos batedores, atacando grupos de caça furtiva com fogos de artifício disparados de um Cessna e, mais tarde, de um helicóptero, ameaçando-os com uma metralhadora. Sob seu comando, batedores invadiram aldeias e agrediram moradores em busca de suspeitos e saques roubados. Em uma carta (altamente contestada), Mark Owens informou a um líder de safári que seus batedores mataram dois caçadores furtivos e “estão apenas se

aquecendo". (Mark e Delia Owens negam a maioria dessas alegações, alegando várias conspirações contra eles por aqueles que se ressentiam de seu sucesso e fama ou que tinham um interesse financeiro corrupto no comércio de caça furtiva.) "Eles pensavam que eram reis", disse o destinatário desta carta sobre os Owens. "Ele se fez a lei, e sua lei era que ele podia fazer o que quisesse."

Delia Owens às vezes se opunha aos riscos que seu marido corria ao combater os caçadores furtivos e, em seu livro de memórias de 1992, *The Eye of the Elephant*, ela descreve em um ponto se separando dele e construindo seu próprio acampamento a quatro milhas de distância. Eventualmente, o casal se reconciliou. Depois que a história da ABC foi ao ar e as autoridades zambianas ficaram alarmadas com a ideia de um estrangeiro supervisionando uma política de atirar para matar em uma de suas reservas, os Owens viajaram para os EUA para uma visita e nunca mais voltaram. De acordo com Goldberg, "A Embaixada Americana alertou os Owens para não entrarem na Zâmbia até que a controvérsia fosse resolvida", mas em 2010, o caso ainda estava aberto. "Não há prescrição para assassinato", disse um investigador a Goldberg. Mark Owens me confirmou por meio de seu advogado que não houve mais desenvolvimentos no caso e observou que nenhuma acusação foi apresentada. Seu advogado também confirmou que a dupla nunca retornou à Zâmbia. Não consegui falar com Christopher Owens.

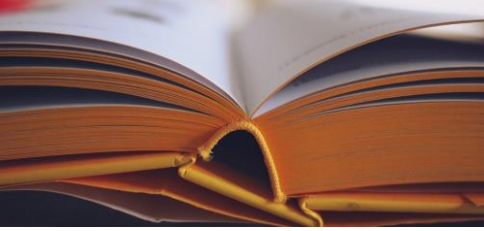
Os Owens então se mudaram para uma área remota de terra no condado de Boundary, Idaho. O casal "eventualmente se divorciou, mas permanece amigável e vive na mesma área", de acordo com [uma edição da entrada de Delia Owens na Wikipedia feita em 10 de junho deste ano](#). (Nos agradecimentos no final de *Where the Crawdads Sing*, Delia agradece a Mark Owens por ser um dos primeiros leitores do romance.) Um editor da Wikipédia posteriormente deletou a passagem, notando a pessoa que alterou a entrada de Delia Owens e nada mais em todo o site, "Desculpe se você tem conhecimento pessoal, mas os artigos devem ser baseados em fontes verificáveis". Em [entrevista à Amazon](#), Delia descreve Mark como seu "ex-marido" e [publica em sua conta do Instagram](#) sugerem que ela se mudou recentemente para a Carolina do Norte.



Délia Owens. Ilustração da foto por Slate. Fotos de Dawn Marie Tucker e Penguin Random House.

Na primeira impressão *Where the Crawdads Sing*, com meados do século ^{XX}do sul do século, sugere que Delia Owens superou os traumas de seus anos africanos e as perdas causadas pela exposição do comportamento de seu marido na Zâmbia. Seu romance é a história de uma garota branca que essencialmente se cria nos pântanos da Carolina do Norte nos anos 1950 e início dos anos 1960. Abandonada pela família e ridicularizada pelos colegas durante o único dia em que aceita frequentar a escola pública, Kya Clark prefere comungar a sós com a natureza, coletando espécimes e produzindo primorosos desenhos da flora e fauna do pântano. (Eventualmente, estes são publicados em uma série de livros de sucesso.) A história de Kya alterna com capítulos ambientados em 1969, nos quais Chase Andrews, um ex-quarterback mulherengo, é encontrado morto sob uma torre de incêndio abandonada e a polícia investiga a morte como um possível assassinato. .* Kya,

“Quase todas as partes do livro têm algum significado mais profundo”, disse Owens em sua entrevista à Amazon. “Há muito simbolismo neste livro.” Para quem leu “The Hunted”, essas linhas são tentadoras, mesmo que Owens não queira que elas sejam. Ter sua heroína sendo acusada de assassinato ecoa a experiência zambiana de Owens e a provação subsequente de se tornar o



assunto de uma exposição de 18.000 palavras em uma revista de destaque. Ainda mais surpreendente é a reviravolta nas páginas finais do romance: afinal, Kya matou Chase.

As semelhanças de Kya com Delia Owens, que cresceu na Geórgia, são evidentes. Ambos são solitários, mas preferem a companhia de animais à de pessoas; as memórias dos Owens contam uma longa busca por vida fora do rebanho humano. “Aqui é onde a civilização termina”, Mark disse certa vez com admiração sobre North Luangwa, relata Goldberg. Kya é retratada como uma vítima incompreendida, expulsa da sociedade pelos preconceitos mesquinhos de seus vizinhos. Em suas declarações finais, seu advogado de defesa exorta o júri e a própria cidade a examinar sua consciência: “Nós a rotulamos e a rejeitamos porque achávamos que ela era diferente. Mas, senhoras e senhores, excluímos a senhorita Clark porque ela era diferente, ou ela era diferente porque a excluímos?”

Em todos os aspectos, Kya é injustiçada por aqueles ao seu redor. Seu pai abusa do resto da família, forçando sua mãe e irmãos a partir. Seu primeiro amor, um companheiro de pântano que docemente a ensina a ler e escrever, não volta para ela como prometido quando ele sai para a faculdade. Mães de luvas brancas afastam seus filhos dela nas ruas, chamando-a de “suja”. Chase a seduz com conversas sobre casamento e filhos, mas escolhe uma noiva mais socialmente aceitável. Mais tarde, ele tenta estuprá-la.

Na ausência de modelos melhores, Kya olha para os animais ao seu redor e lê artigos científicos para entender o comportamento humano:

Alguns comportamentos que nos parecem duros agora garantiram a sobrevivência do homem primitivo em qualquer pântano em que estivesse na época. Sem eles, não estaríamos aqui. Ainda armazenamos esses instintos em nossos genes e eles se expressam quando certas circunstâncias prevalecem. Algumas partes de nós sempre serão o que éramos, o que tínhamos que ser para sobreviver — lá atrás.

Além da reviravolta final e altamente implausível do romance, Kya é retratada como uma adorável, gentil e ingênua criança da natureza, desprovida de quaisquer traços negativos além de uma relutância em dar ao seu primeiro amor, Tate, uma segunda chance, uma vez que ele finalmente percebe que pode não viver sem ela. Quando Tate vem visitar Kya em sua cabana no pântano para defender seu caso, ela aparece como uma visão angelical, “em uma longa saia branca e suéter azul pálido – as cores das asas”. No entanto, apesar de não exibir impulsos agressivos e atávicos, Kya mais de uma vez contempla a verdade de que “antigos genes para a sobrevivência ainda persistem em algumas formas indesejáveis entre as reviravoltas do código genético do homem”. Essa ideia – que, in extremis, um impulso primitivo de

“sobrevivência” desencadeará ações “duras” e “indesejáveis” – lembra um momento do segmento ABC sobre os Owens, em que Meredith Vieira (então repórter do programa) descreve o tiro ao caçador furtivo como resultado do que “Mark Owens chama de 'endurecimento do espírito humano', o preço final que ele pagou para trabalhar aqui”. O próprio Owens então comenta: “É um jogo muito sujo. É uma medida do desespero da situação, eu acho.”

A Kya de Owens é uma personalidade impossível construída sobre um enigma moral: sua virtude surge de sua pureza – isto é, seu afastamento das influências contaminantes da “civilização”, com seus falsos valores, crueldade e mentiras. A natureza e os animais, ao contrário, são o locus da verdade e do sustento espiritual. A natureza também reconhece Kya como sua filha escolhida. Quando ela está sob custódia durante o julgamento, o gato da cadeia reconhece sua qualidade e visita sua cela à noite. Mas a “natureza”, ao que parece, também é a desculpa para o crime de Kya, que é um dos maiores, uma medida do desespero de sua situação, por assim dizer. E, afinal de contas, Chase não é, como aquele caçador ilegal sem nome, um homem mau, que recebeu seus merecidos merecimentos mesmo que sua morte tecnicamente viole a lei da terra? Embora Kya seja de fato culpada, o livro enquadra seu julgamento como injusto. o alvo de um estranho maltratado por uma comunidade incapaz de justiça. E, no entanto, ela é absolvida, fugindo de seu crime.

Escritores de ficção muitas vezes não percebem o quanto de seu próprio inconsciente borbulha em seu trabalho, mas às vezes Owens parece estar deliberadamente chamando de volta aos seus anos na Zâmbia. O gato da cadeia em *Where the Crawdads Sing* tem o mesmo nome – Sunday Justice – de um homem africano que já trabalhou para os Owens como cozinheiro. No *olho do elefante*, Delia descreve Justice falando com uma admiração infantil sobre o avião dos Owens. “Eu mesmo sempre quis falar com alguém que voou no céu com um avião”, disse ele, segundo Delia. “Eu mesmo sempre quis saber, senhora, se você voa à noite, chega perto das estrelas?” Quando Goldberg rastreou Justice e perguntou sobre essa história, o homem riu. Ele havia voado em aviões muitas vezes como adulto e criança antes de conhecer Delia Owens. Mais tarde, ele trabalhou para a Força Aérea da Zâmbia.

Esse exemplo do que Goldberg chama com tato de “ideias arcaicas sobre os africanos” dos Owens também tem seu paralelo em *Where the Crawdads Sing*. Um personagem negro, um homem gentil chamado Jumpin' que administra um posto de gasolina e uma loja geral para operadores de barcos do pântano, está entre as poucas pessoas na comunidade a fazer amizade com Kya. Ela encontra Jumpin' alguns dias depois de ser agredida sexualmente por Chase, com o rosto ainda visivelmente machucado. “Foi o

Sr. Chase que fez isso com você?" ele pergunta. "Você sabe que pode me dizer. Na verdade, nós vamos ficar aqui até você me dizer. Quando Kya implora a Jumpin que não denuncie o ataque ao xerife, ele protesta que "o sump tem que ser feito. Ele não pode ir e fazer uma coisa dessas, e depois apenas dar uma volta de barco naquele barco chique dele.

Mesmo deixando de lado o dialeto estilo *E o Vento Levou* aqui (afinal, Owens tem 70 anos), a cena revela uma profunda ignorância racial e histórica. A ideia de que qualquer homem negro que vivesse no sul rural durante o início dos anos 60 consideraria seriamente denunciar à polícia local a tentativa de estupro de uma mulher branca pelo filho de uma família branca proeminente é ridícula. Ele teria um amplo conhecimento de homens como Chase se safando de coisas ainda piores. Um dos críticos dos Owens no artigo de Goldberg abordou esse esquecimento quando caracterizou a atitude do casal em relação à África como "Belo continente. Pena dos africanos."

A cobertura da imprensa sobre Delia Owens desde o grande sucesso de *Where the Crawdads Sing* concentrou-se em sua infância moleca, sua paixão por ajudar a vida selvagem africana e o isolamento intocado de sua casa em Idaho, retratando-a quase tão intocada quanto sua heroína. Mas o passado de Owens é muito mais sombrio e preocupante do que isso - e também uma história muito mais interessante do que *Crawdads'* conto de um desajustado perseguido e santo encontrando consolo e transcendência na natureza. A própria história de Owens parece ser de amor e retidão desenfreados, das propriedades sedutoras do poder e da violência, de como é ver seu marido se tornar alguém que seus vizinhos têm motivos para temer. Os Owens passaram grande parte de suas vidas tentando se afastar o máximo possível da humanidade, mas a missão deles é impossível: como todos nós, eles trazem a humanidade e suas falhas com eles onde quer que vão.

Correção: Esta história originalmente deturpou o ano em que algumas das ações em *Where the Crawdads Sing* acontecem. É 1969, não 1965.

A experiência de se tornar uma autora best-seller aos 70 anos

Em sua estreia na ficção, Delia Owens já vendeu mais de 4 milhões de livros

G1 Por Mariza Tavares

Rio de Janeiro 19/01/2020 06h00 Atualizado há 2 anos

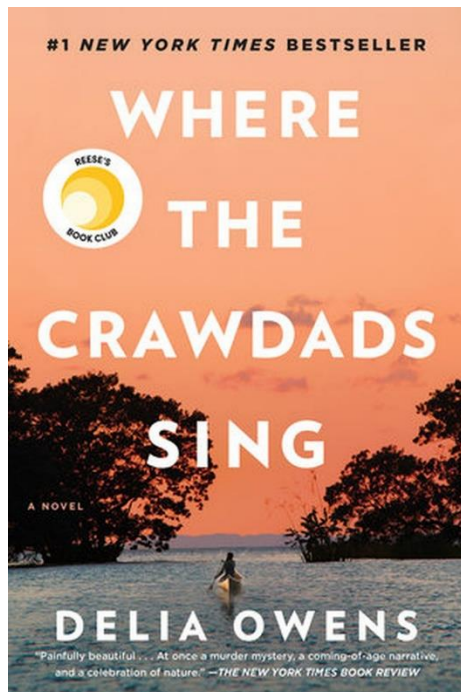


Delia Owens, autora de “Um lugar bem longe daqui” – Foto: Divulgação

Essa é uma história inspiradora, perfeita para um domingo. A zoóloga norte-americana Delia Owens já havia publicado obras de sucesso em sua área de pesquisa, sobre os mais de 20 anos durante os quais viajou regularmente para Botsuana e Zâmbia para estudar leões, hienas e elefantes. No entanto, nunca havia se aventurado na ficção, tanto que a editora decidiu que seu livro de estreia como romancista teria uma edição de 28 mil cópias – um número expressivo para o mercado brasileiro, mas que não impressiona para os padrões americanos. A trama não se enquadrava num gênero específico e o título era meio esquisito: “Where the crawdads sing”, algo como “Onde os lagostins cantam” – a tradução em português é “Um lugar bem longe daqui”.

Isso foi no verão de 2018. No fim de 2019, a história da menina Kya Clark, abandonada pela família e obrigada a se virar sozinha numa região de

pântanos da Carolina do Norte, já tinha vendido mais de 4 milhões e meio de exemplares e 41 países haviam comprado os direitos autorais.



Capa do livro "Where the crawdads sing" — Foto: Divulgação

O jornal "The New York Times", onde o livro ainda figura na lista dos best-sellers, registrou o sucesso em [reportagem](#) que mostrava que os números da cientista ultrapassavam as vendas dos últimos lançamentos dos pesos pesados Stephen King, Margaret Atwood e John Grisham juntos. A vida reclusa de Delia Owens deu uma guinada, com uma viagem atrás da outra para encontrar os fãs que se multiplicaram, e ela declarou que nunca havia se conectado tão intensamente com as pessoas. O enredo é universal e foge da polarização que tomou conta da política e transbordou para a cultura: a jovem Kya vive isolada, tem que lidar com uma brutal

solidão e ainda é acusada de homicídio. Além do boca a boca positivo, a obra ganhou uma fada madrinha: a atriz Reese Witherspoon a recomendou em seu clube de leitura e pretende adaptá-la para o cinema. Delia começou a trabalhar no livro há dez anos e, apesar de se tratar de ficção, se valeu da experiência, desde a infância, de se aventurar em florestas. Sua mãe costumava encorajá-la dizendo: "go way out yonder where the crawdads sing" (algo como "vá além de onde os lagostins cantam", ou seja, ultrapasse quaisquer limites), que acabou se tornando o título do romance.

Abraçou uma profissão que a levou para regiões selvagens, o que fez com que o isolamento fosse algo bastante presente em sua trajetória. Foi depois de se aposentar que Delia deu vida a suas vozes internas, o que a torna uma inspiração para todos nós. E antes que alguém diga que isso só acontece nos EUA, gostaria de dar o exemplo da portuguesa Sofia Silva. Em 2014, ela estreou na plataforma de autopublicação Wattpad com a série "Quebrados", onde alcançou mais de um milhão de leituras. Hoje é uma autora festejada, mas só foi publicada em Portugal depois de estourar no Brasil.